

COMPAIXÃO E RESPONSABILIDADE MORAL EM *ENTERRE SEUS MORTOS*, DE ANA PAULA MAIA

Lilian Coelho*

 <https://orcid.org/0000-0002-8461-0919>

Como citar este artigo: COELHO, L. Compaixão e responsabilidade moral em *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-11, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO 2114827

Submissão: setembro de 2021. **Aceite:** novembro de 2021.

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura da narrativa *Enterre seus mortos* (2018), da escritora brasileira contemporânea Ana Paula Maia, sob o argumento de que, ao decidir enterrar os corpos de desconhecidos a qualquer custo para que não sejam devorados pelos abutres, o personagem Edgar Wilson configura um ato de compaixão improvável num lugar não nomeado onde prepondera uma vida precária e quase bestial. Os personagens têm, ainda que de modos tortuosos, o apego à religião e a versículos da Bíblia como único vislumbre de uma vida possível.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Mal. Texto bíblico. Abandono. Ética.

— *Esses aqui — o homem aponta para uma das pilhas de corpos — são os não reclamados. Ninguém até agora veio atrás deles. Segunda-feira vão para o cemitério municipal. Aquela outra pilha ali chegou hoje. Vamos esperar até terça, no máximo quarta-feira, e aí despachamos também. Só podemos manter eles aqui por setenta e duas horas. Está vendo? Não tem espaço nem para andar aqui dentro.*

* Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Itabuna, BA, Brasil. E-mail: lilreichert@gmail.com

— Ninguém procurou por eles?
 — Até agora não. Essa é a ala dos não reclamados,
 esses mortos que ninguém quer (MAIA, 2018, p. 91).

INTRODUÇÃO

■ O texto da epígrafe pode até evocar um roteiro de filme de Quentin Tarantino, mas é um trecho do livro *Enterre seus mortos* (2018), da escritora brasileira contemporânea Ana Paula Maia. Os personagens principais são Edgar Wilson, um removedor de animais mortos nas estradas do interior, e Tomás, um ex-padre excomungado que também atua no transporte e na trituração dos cadáveres. Apesar do forte apelo, não é o “realismo bruto” ou a “estética da barbárie” (FRIGHETTO, 2019) que mais me convoca nesse que foi o sétimo romance da escritora.

Acostumados a lidar com animais mortos, ao se depararem com o corpo de uma mulher desconhecida enforcado na árvore de uma mata próxima com sinais de tentativa de ateamento de fogo, Edgar Wilson e Tomás pressentem que algo misterioso e impalpável se aproxima:

Há alguns meses, desde que começou a percorrer essas estradas, Edgar Wilson notou que não sentia nenhuma presença maligna, seja lá onde percorresse. Nesse tipo de trabalho, quando se está tão perto da morte, a um passo atrás dela, é comum ao menos um mal-estar ou um estado de espírito mais decadente. Em princípio, isso poderia ser um bom sinal. Para a maioria das pessoas, não perceber a presença do mal é um sinal de que tudo está bem. Para Edgar Wilson, é justamente o contrário. Não pressentir o mal não é sinônimo de que ele não existe ou desapareceu. São os opostos devidamente dosados que mantêm o sistema equilibrado e, assim, se o mal se ausentou, é provável que o bem também o tenha feito. É justamente isso que o tem incomodado (MAIA, 2018, p. 43-44).

Nesse mundo sobre o qual pesa uma presença inominável que parece à espreita, deparar-se com um corpo humano enforcado e atacado por abutres revolve as convicções e práticas deontológicas exigidas de Edgar na profissão de removedor de animais mortos. Tomás e ele seguem e respeitam as regras de apanhar apenas animais mortos, mas um senso de humanidade irrompe, não permitindo a Edgar abandonar cadáveres humanos para apodrecerem ou serem aviltados pela ação dos abutres. Os das vítimas de acidentes rodoviários podem ser deixados para trás, aguardando os socorristas e as ambulâncias insuficientes. “— Os animais têm mais sorte. A gente sempre chega primeiro — diz Edgar Wilson” (MAIA, 2018, p. 21).

Embora seja acionada a forma narrativa do romance policial, por haver mistério e prováveis assassinos, a figura de um detetive um tanto torto, sem muito interesse pelos detalhes e com uma ideia fixa, somada a um ambiente praticamente rural abandonado, turva o gênero – ou o inova. Desvendar o crime não se torna uma questão para Edgar Wilson. Sua reflexão e sua ação envolvem uma responsabilidade moral, centrada no compromisso com o cadáver insepulto, com a profanação que as aves de rapina podem provocar, comprometendo qualquer traço de dignidade que aquele ser humano ainda possa ter. Em que pesem as evidentes “ambiguidades éticas” (GÁRBERO, 2018) que definem seu caráter, Edgar Wilson segue seu plano até o fim, numa “*via crucis*” (FRIGHETTO, 2019,

p. 59) com o amigo Tomás e dois cadáveres (depois aparece outro morto anônimo) no porta-malas de sua Caravan pelas rodovias em busca de um Instituto Médico Legal (IML).

Ana Paula Maia constrói um universo indiscutivelmente ancorado no “realismo cruel” (BENATTI, 2020, p. 409), um mundo-cão num interior qualquer do Brasil. Impera a relação entre humanos e entre o ser humano e os animais, que se estabelece de várias formas na narrativa. Enquanto esses cumprem suas programações (embora às vezes pareçam adquirir traços humanos), aqueles se bestializam nos “trabalhos sujos dos outros” (MAIA, 2009), num cenário inóspito de precariedade e “estado de abandono” (GÁRBERO, 2018).

Assim como a podridão os atrai [abutres], os que se alimentam dela atraem Edgar. Tanto aves carniceiras quanto ele se valem dos próprios sentidos para encontrar os mortos, e ambas as espécies sobrevivem desses restos não reclamados (MAIA, 2018, p. 71).

Entretanto, o Edgar Wilson de *Enterre seus mortos* não permanece nesse nível de animalidade compartilhado com os seres não humanos que recolhe e tritura no moedor. Ele se compadece de seus iguais que não terão um funeral e um enterro se ele não tomar a decisão e agir por conta própria, mesmo que seja contra as regras. Nesse universo, não faz tanta diferença, pois todos estão de algum modo contra a lei ou a lei não parece lhes dizer respeito.

Os lugares não são nomeados, com algumas exceções, como o restaurante Espartacus, onde Edgar e Tomás costumam comer e conversar com o proprietário. São rodovias e localidades interioranas, similares a muitas que podemos conhecer, mesmo que de passagem, ambientes devastados e quase sem lei, onde atua uma mineradora cuja ação atordoa os sentidos e a saúde dos moradores. Conforme pontua Alex (2018), “Trata-se de um faroeste lúgubre que, através da desolação geográfica, questiona não apenas a tensão violenta que preenche os limites entre a vida e a morte, mas também todo o vazio no entorno [...]”.

A isso tudo, soma-se uma visualidade hiperestésica, acredito que criada pelo poder descritivo e pela simulação de uma estética cinematográfica, a narração atuando quase como uma câmera intrusa, onisciente. O clima geral apresenta algo de um estilo que associa ao expressionista, embora haja todo um esforço para parecer um lugar qualquer, apenas modorrento, meio fantasmático, perdido no nada nos rincões do país continental. Embora o termo seja excessivamente marcado pela palavra expressionista, não pretendo instituir qualquer vinculação a escolas históricas do cinema, por exemplo, apenas a uma emoção, a “um potencial de afeto” (AUMONT, 2004, p. 201) que Maia e seu narrador expressam a partir desse mundo realista, sim, mas também além, ao propor uma estética que leva o leitor a aderir aos personagens pela entrevisão de um mal cuja fonte não se vê e que está à espreita como presença suplementar à narração-câmera.

Todos esses elementos juntos, mais o enredo, o espaço e os personagens garantem uma experiência que não se satisfaz na mera identificação de um realismo, provocando assombro e estimulando o *pathos* da compaixão demonstrada por Edgar Wilson com os mortos que ninguém reivindica para um enterro digno, humano.

Nesse sentido, outro aspecto relevante em *Enterre seus mortos* é a relação com a religião cristã, tanto pela apresentação de um personagem que acolhe a preocupação de Edgar Wilson e é um ex-padre excomungado pela denúncia de

um colega sobre um assassinato que cometera na juventude quanto pela presença de grupos de cristãos evangélicos que se movimentam pelo lugar em uma espécie de errância inútil que mais parece uma cruzada, anunciando o fim iminente de tudo.

Encurvados aos pés de um Cristo irado cheio de juízo e de fúria, eles apontam suas Bíblias como quem aponta uma pistola. Falam de almas perdidas, mas desejam o sangue e as vísceras. Revestem-se de uma autoridade divina que insistem ter recebido de Deus e falam em línguas estranhas, uma espécie de idioma sobrenatural que somente os escolhidos podem compreender. Tudo o que não está debaixo desse manto divino é maldito e condenado nos séculos vindouros a um inferno setorizado (MAIA, 2018, p. 23).

O ódio dos religiosos endereçado a prostitutas e travestis é criticado pelo narrador e parece afinar-se ao cenário extraliterário do Brasil do ano de publicação do livro¹, embora tal relação não seja tão facilmente sustentada pela análise da narrativa. Policiais corruptos associados com ilegalidades como desmanche de carros e assassinatos lembram a atuação das milícias urbanas, mas toda a ação de *Enterre seus mortos* transcorre num contexto do interior do país.

Tudo é rude no universo ficcional construído por Maia. E é a partir da relação entre um homem brutalizado, responsável pela remoção de cadáveres de animais mortos de rodovias, seu senso de responsabilidade moral com os mortos; um ex-padre que, apesar de excomungado, exerce funções naquele lugar (principalmente o sacramento da extrema-unção, para humanos e animais); e os personagens secundários cristãos, que estabelecem o diálogo entre literatura e Bíblia neste texto.

“NÃO EXISTE SENTIMENTO DE DESPREZO MAIOR DO QUE ABANDONAR UM MORTO”

Em *Enterre seus mortos*, Edgar Wilson atém-se a uma lei não escrita em seu compromisso de impedir que os corpos sob sua guarda autoimposta fiquem insepultos. Toda sorte de enganos e mal-entendidos ocorrem no percurso empreendido por Edgar e Tomás na tentativa de levar os corpos a um IML, evidenciando a precariedade dos serviços no interior e criando personagens e situações que colocam sob suspeita a atuação de órgãos públicos e funcionários.

Há ainda agravantes “reais”. No Brasil, conforme apontam Karam e Trindade (2013, p. 198): “É curioso como a Constituição – da qual dizem que nada escapou [...] não estabeleça, em lugar algum, o direito que os vivos têm de sepultar seus mortos”. Incrivelmente, são comuns relatos e casos jurídicos sobre contendas a respeito de transporte, rituais e possibilidades de enterrarmos nossos mortos no Brasil. O tema permanece um tabu, assim como a morte, numa sociedade individualista, com uma inegável história de desigualdades, injustiças e violências físicas e simbólicas, de laços sociais nitidamente esgarçados, ainda mais deteriorados após 2013².

1 2018, ano de eleições presidenciais, com vitória de Jair Bolsonaro (então membro do Partido Social Liberal – PSL), candidato de extrema-direita associado a líderes religiosos de algumas denominações evangélicas neopentecostais e partidos como o Partido Social Cristão (PSC).

2 Conforme analisou Eliane Brum (2019, p. 108): “O Brasil pós-2013 é um país fragmentado. Não foi a multidão, polifônica por definição, que fragmentou o Brasil. A multidão expressou o que já estava sendo gestado nos dias pela confluência de várias

Numa tentativa de aproximação ao texto bíblico do Novo Testamento, especialmente com os evangelhos canônicos de Mateus (8:18-22) e de Lucas (9:59-60), em meio às andanças e aos episódios públicos de curas efetuadas por Jesus, este ordena a um homem que o siga, ao que o outro retruca pedindo, primeiro, autorização para enterrar o pai. A isso, Jesus responde imperativamente:

Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos (Mateus 8:18-22).

Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus (Lucas 9:59-60).

Não há meios para comprovar que haja qualquer intenção de Ana Paula Maia de remeter tão explicitamente o título de seu livro aos evangelhos sinóticos³. De qualquer modo, num exercício livre de leitura, chama a atenção o verbo no singular no título da narrativa literária, que reproduz uma frase dita por Edgar Wilson, quando a distância se torna segura, a Geraldo, assassino das pessoas desconhecidas cujos corpos ele e Tomás tentam levar a todo custo ao IML mais próximo: “— Da próxima vez enterre seus mortos” (MAIA, 2018, p. 109). Aqui, há um interlocutor preciso, devidamente nomeado, e o verbo é mantido no imperativo.

No texto bíblico, o interlocutor deve seguir Jesus, anunciar o reino de Deus, deixando que os mortos enterrem seus mortos. Sem a pretensão de uma exegese bíblica, o que chama a atenção é o pronome “seu”. Mortos de quem? Dos trechos bíblicos citados, sobrevém a dúvida: como os mortos enterrarão os mortos? Não seria uma atribuição dos familiares vivos? Na tradição judaica referida tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, os mortos deveriam ser enterrados imediatamente após sua morte, como se depreende de Atos dos Apóstolos 5, “Astúcia de Ananias e de Safira”:

Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu morto. Apoderou-se grande terror de todos os que o ouviram. Uns moços retiraram-no dali, levaram-no para fora e o enter-raram (Atos dos Apóstolos 5:5-6).

Imediatamente caiu aos seus pés e expirou. Entrando aqueles moços, acharam-na morta. Levaram-na para fora e a enter-raram junto do seu marido (Atos dos Apóstolos 5:10-11).

Há outras referências mais precisas sobre o enterro dos mortos no Antigo Testamento, como no Livro de Tobias (BETTENCOURT, [s. d.]), que cito aqui por ser, assim como em *Enterre seus mortos*, análogo ao senso de responsabilidade moral e transgressor ao que está estabelecido ao redor, na letra da lei ou não: Tobit, pai de Tobias, durante o cativeiro em Ninive,

[...] com uma solicitude toda particular, sepultava os defuntos e os que tinham sido mortos. Quando o rei Senaquerib, fugindo da Judéia ao castigo com que deus o ferira por suas blasfêmias, mandou assassinar, na sua ira, um grande número de israelitas, Tobit sepultava os seus cadáveres (Livro de Tobias 1:20-21).

crises. Uma delas, a descrença na capacidade da democracia para melhorar a vida concreta das pessoas. A outra, a descrença na possibilidade de manter a qualidade de vida conquistada devido à crise econômica que se instalava”.

3 Apenas por curiosidade, mencionamos aqui outros autores e obras que empregaram a mesma expressão. Entre as obras pesquisadas, estão *Que os mortos enterrem seus mortos*, título de uma coletânea de contos de Samuel Rawet, publicada em 1981, ignorada ou imerecida pela crítica literária brasileira, conforme lamenta Gonçalves (2012, p. 15). Em outro contexto, referindo-se à história e à tradição, Karl Marx (1974 [1852], p. 22) argumenta: “A revolução social do século XIX não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro. Não pode iniciar sua tarefa enquanto não se despojar de toda veneração supersticiosa do passado. As revoluções anteriores tiveram que lançar mão de recordações da história antiga para se iludirem quanto ao próprio conteúdo. A fim de alcançar seu próprio conteúdo, a revolução do século XIX deve deixar que os mortos enterrem seus mortos”.

O capítulo 2 (v. 1-2) conta que, “num dia de festa religiosa, foi preparado um grande banquete na casa de Tobit”. Ele pede ao filho que saia à procura de “homens piedosos” para comer com eles, e o filho retorna anunciando que “um dos filhos de Israel jazia degolado na praça”.

Tobit levantou-se imediatamente da mesa, sem nada haver comido, e foi aonde estava o cadáver. Tomou-o e levou-o clandestinamente para a sua casa, a fim de o sepultar com cuidado depois do sol posto. Tendo escondido o cadáver, começou a comer com pranto e tremor; lembrando-se do oráculo que o Senhor tinha pronunciado pela boca do profeta Amós: Vossas festas mudar-se-ão em luto e lamentações (Am. 8, 10). Quando o sol se pôs, ele foi e o sepultou.

Seus vizinhos criticavam-no unanimemente. [...] Mas Tobit temia mais a Deus que ao rei, e continuava a levar para a sua casa os corpos daqueles que eram assassinados, onde os escondia e os inumava durante a noite (Livro de Tobias 2:3-9).

Corajosamente, Tobit mantém a tradição israelita mesmo sob a perseguição de seus algozes e até de seus vizinhos. Já que mencionamos os dois exemplos, importa notar que há uma diferença fundamental entre a tradição que marca a Antiga Aliança ou Aliança Mosaica e a Nova Aliança, estabelecida por Jesus, conforme destaca Vitiello (2000, p. 176):

*As palavras da Antiga Aliança eram profecia de salvação, de redenção do mal em bem; a palavra de Jesus diz, ao contrário, que nenhum mal do mundo jamais poderá tocar o homem interior. [...] Nem a consciência ou a fé subtraem o homem ao mal do mundo. É no mal do mundo que o divino do homem vive. Por esta razão, ao convidar ao universal *phília*, Jesus lembra que o Pai celestial “faz nascer o sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mateus 5:43-45, grifo do autor).*

Numa relação interpretativa muito livre, talvez possa dizer que, no livro de Ana Paula Maia, em meio à percepção de um mal ainda maior do que o abandono em que já viviam aquelas pessoas, animais e até os lugares, Edgar Wilson, “o filho da puta mais nobre” que Padre Tomás conheceu, desenvolve o sentimento da *phília*, amizade, pela convivência, em relação a Tomás, mas também uma espécie de “benevolência” (ARISTÓTELES, 2016), mais próxima da compaixão, pelos mortos desconhecidos que se esforça por sepultar.

Desde que os recolheu, tornou-se responsável por eles. De certa forma isso o faz se sentir menos miserável, porém não mais feliz. Nenhuma pessoa é capaz de se lembrar da hora do seu nascimento, mas o momento da morte, a todos é conhecido. Acostumado a lidar com o fim das coisas, Edgar Wilson não gosta de deixar os homens insepultos. Justiça não poderia haver para ambos, mas um túmulo e uma pequena lápide talvez conseguisse (MAIA, 2018, p. 82).

O impulso à alteridade, a atração para “o outro eu de si mesmo” (ARISTÓTELES, 2016, p. 222), faz de Edgar alguém em busca de reconciliação com a própria humanidade, ainda que mantenha alguns traços de bestialização angariados pelo tipo de trabalho executado diariamente e pela brutalidade que envolve seu cotidiano e o de outros personagens de Maia em narrativas anteriores (PORTO, 2016). Não acredito que Edgar Wilson esteja em busca de redenção para si, mas de uma espécie de experiência autêntica de reciprocidade com o humano e, por

via das dúvidas, com o divino, que ele vislumbra, em muitos momentos, pela associação a elementos naturais: “Por isso Edgar Wilson gosta de contemplar o céu, esse vasto firmamento que teme um dia desaparecer, pois é lá de cima que parecem proceder todas as coisas” (MAIA, 2018, p. 38).

Creio que Edgar Wilson não possa ser considerado um homem piedoso no sentido espiritual mais comum; talvez, por isso mesmo, sua compaixão torna-se ainda mais admirável e até digna. Mesmo sem querer e agindo de forma direta, estúpida, na comunicação com outros, ele infringe regulamentos, se necessário, para transportar pessoas, vivas ou mortas. Não raro essas situações acontecem porque ele se deixa conduzir pela citação de um versículo bíblico por outro personagem, pelo olhar dirigido a um crucifixo, ou por entender, com certo temor, que “[...] por essas bandas a fé em Deus é o bem maior que possuem. É a única opção que resta” (MAIA, 2018, p. 67). Trata-se de um movimento empático, pois ele não permite que aconteça a outrem o que não deseja para si mesmo:

Só uma coisa o apavora: morrer sozinho e ser deixado para trás. O medo da própria destruição é inato a todo animal. O medo de Edgar vai além: é esse medo de ser devorado por abutres, comido ao ar livre por vermes necrófagos, de ter sua carne exposta ao vexame (MAIA, 2018, p. 88).

Logo no primeiro capítulo da Parte I do livro, intitulada “Os animais”, um homem no posto de gasolina pergunta a Edgar Wilson se ele é religioso.

Edgar Wilson se detém por alguns breves instantes e parece questionar a si mesmo.

— Acredita em Deus?

Edgar assente com a cabeça. O homem diminui o tom de voz e já não importa se sorri mais. Seu rosto se torna rígido e há algo de angustiante em seus olhos.

[...]

— E eu tenho certeza de que nada nem ninguém me escuta. Deus ou o diabo, parece que nenhum dos dois está mais aqui (MAIA, 2018, p. 15-16).

O sentimento geral de abandono é reforçado pelas descrições da paisagem, sempre desoladora, em estado constante de degradação, e isso parece ser sentido por todos os personagens, muito impactados pela atuação de uma empresa minerária, num cotidiano que é regrado pelos horários das explosões. O cenário desértico, composto por rochas de variados tamanhos e formatos, naturais ou resultantes das dinamitações, associa-se também à apropriação do texto bíblico pelos religiosos, revelando movimentos irônicos do narrador. Após observar um grupo que faz orações na floresta ao redor de uma fogueira, Edgar Wilson presencia a seguinte cena:

O homem [o líder] ergue um grande exemplar da Bíblia com capa preta e laterais douradas. A imensa cruz de ouro no centro da capa brilha quando é atingida por um feixe da luz do fogo. Ele caminha ao redor da fogueira como um soldado, movendo os braços para a frente e para trás e suspendendo os joelhos antes de pisar com força no chão. Uma nuvem de poeira se levanta. Chega diante de outro homem e o segura pela mão. Este, agora, contorce todo o corpo e dá um salto para o alto, exprimindo palavras ininteligíveis. O pastor profere mais uma passagem bíblica:

— Aquele que cair sobre esta pedra será despedaçado, e aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó. — *O homem faz uma pausa e toma fôlego para concluir e sair do seu estado de transe. — Jesus é a rocha da salvação. Ele é a verdadeira rocha. O fim se aproxima. Arrependei-vos* (MAIA, 2018, p. 61, grifo da autora).

Mesmo de modo descontextualizado em relação ao original, presente no evangelho de Mateus 21:44, se interpretarmos em sentido literal o conteúdo da citação na narrativa de Maia, a cena toda aponta para a ridicularização do grupo de religiosos, o que condiz com o tom usual do narrador ao abordar a atuação dessas pessoas. Sabor especial é dado porque a crítica não é incluída como pausa no discurso, é totalmente orgânica à narrativa. Além de ridicularizar os evangélicos, vislumbramos a possibilidade de captar que o narrador pode julgá-los se não autores do enforcamento, testemunhas da concretização da ira de Deus, já que “[...] insistem em pregar as boas-novas aos perdidos, que, por sua vez, preferem continuar perdidos e manter a cartela de clientes” (MAIA, 2018, p. 22). Logo após encontrar o corpo enforcado, Edgar é sobressaltado pelo som de um alto-falante.

É o carro de um pastor, um dos muitos que há pela região, um homem que insistentemente anuncia a volta de Jesus de dentro de uma antiga Kombi com um alto-falante acoplado ao teto.

“Prepara-te, pois a vinda do Filho do Homem é chegada. A hora é chegada. Arrependei-vos, pecadores! A morte é chegada. É tempo de matar, é tempo de morrer” (MAIA, 2018, p. 39, grifo nosso).

Os grupos de religiosos são apresentados como fanáticos, seres quase anacrônicos, mas, ao mesmo tempo, aqueles que só têm como perspectiva de vida agarrar-se à missão de tentar converter os outros, pois “[...] são concededores do fracasso humano, da insuficiência do ser e da dependência da força divina” (MAIA, 2018, p. 67). Em alguns momentos, o narrador apresenta um tom condescendente com esses seres abandonados. De qualquer sorte, o personagem religioso mais interessante de *Enterre seus mortos* é, sem dúvida, Tomás. O ex-padre ministra os sacramentos, principalmente a extrema-unção, tanto a humanos quanto aos animais agonizantes nas rodovias, sem distinção. Num lugar como esse, prevalecem outros valores e não as regras e leis, afinal: “Ninguém parece se importar com animais mortos em estradas ou corpos sendo transportados ilegalmente de uma cidade a outra em busca de um fim” (MAIA, 2018, p. 78).

Ao final, Edgar Wilson e Tomás não alcançam o que pretendem, que é deixar os corpos em um IML. Após escaparem de bandidos, vencerem uma pilha de cadáveres em busca do corpo da prima de sua colega de trabalho Nete e de presenciarem cenas grotescas em laboratórios e salas dos IML por onde passam, nos quais os funcionários corruptos vilipendiam e comercializam os corpos dos “não reclamados”, sem condições de enterrar os mortos, decidem jogar dois deles no rio: “Foram vencidos e por fim Edgar Wilson terá que se contentar em sepultá-los nas águas. Para Tomás, o que importa é a alma, mas Edgar é atraído pela carcaça, assim como os abutres” (MAIA, 2018, p. 122). O outro corpo, de Berta, é entregue à Nete, que decide enterrá-lo numa pedreira desativada do entorno:

— A tia está doente. O médico disse que ela não pode se aborrecer. Por isso ela tá morando comigo agora. É melhor ela pensar que a Berta vai voltar um dia. Vou dizer que ligou e que está bem. Talvez, se ela se apegar a isso, viva mais alguns anos (MAIA, 2018, p. 126).

A narrativa termina com um acontecimento assombroso: um número extraordinário de ovelhas mortas, “trezentas ou mais”, a impedir o tráfego na rodovia. Edgar intui que sucumbiram à forte descarga elétrica de um raio, pois os abutres mantêm distância, “não gostam de carne queimada”. Ele encontra também o corpo do pastor. Edgar pergunta: “— E o homem? Será que alguém vem buscar ele?”, ao que Tomás responde: “— Acho que já sabemos a resposta” (MAIA, 2018, p. 130).

Essa cena final é muito significativa por se tratar de um pastor e de suas ovelhas, o que provoca uma óbvia e inevitável associação com o texto bíblico. O recado é terrível: qualquer salvação está vedada a esses seres humanos, assim como a esperança de uma vida melhor. Seu abandono só pode se perpetuar indefinidamente, o que é confirmado até pela paisagem: “No horizonte delimitado pelas montanhas, uma linha brilhante reflete a luz do sol, dando a impressão de que céu e terra estão se partindo em dois” (MAIA, 2018, p. 131).

CONCLUSÃO

Como resultado da presente aproximação ao texto de Ana Paula Maia, concluímos que a apropriação do texto bíblico, notadamente dos evangelhos, é acionada por um esforço de deslocamento da tradição, pois retira trechos do contexto do sagrado, ao incluir “a palavra” em falas de personagens no mínimo moralmente ambíguos, não muito certos de suas crenças ou condutas religiosas e morais.

Os personagens de *Enterre seus mortos* são pessoas comuns entregues à própria sorte num contexto de precariedades e vulneráveis a múltiplos perigos. Ainda assim, elas encontram meios de manter sua dignidade e sua humanidade, seja pelo apego à religiosidade, seja pela compaixão, seja por apenas seguirem suas vidas nos trabalhos subalternos disponíveis na localidade.

Há também uma incontestável sobreposição entre cotidianidade e uma opressão percebida pelas descrições dos elementos naturais, com destaque para o céu, o que é emblemático numa narrativa que apresenta diálogo com a religião cristã. Acredito que a relação entre humano e não humano ainda merece ser mais bem explorada em outros trabalhos que se debruçam sobre esse livro.

No final, o que resta aos personagens é a “nostalgia humana, mas provocada pela ausência de Deus” (VITIELLO, 2000, p. 160). O abandono daqueles seres, humanos e não humanos, é a única certeza que se pode ter. Abandonados pelos poderes públicos, pela lei, resta-lhes seguir regras próprias para sobreviverem num ambiente que é quase um deserto, se tomarmos essa imagem num sentido entre literal e figurado. Ao contrário do deserto de Moisés, espaço de errância, sofrimento, mas de promessa, como vemos em Êxodo, na narrativa de Ana Paula Maia trata-se de um deserto plenamente configurado pelo abandono, pela ausência de qualquer futuro, lugar de alteração e exaustão da natureza pela ação da mineradora e pela profanação dos abutres, personagens cuja (oni)presença abjeta, mas quase humanizada, atravessa o texto, quase anunciando o mal. Assim termina *Enterre seus mortos*:

Os abutres se mantêm distantes, empoleirados nos galhos altos das árvores e assistindo quietos ao trabalho dos homens, que por vezes erguem os olhos vasculhando o céu de uma ponta à outra como se ainda esperassem pelo pior (MAIA, 2018, p. 131).

COMPASSION AND MORAL RESPONSIBILITY IN *ENTERRE SEUS MORTOS*, BY ANA PAULA MAIA

Abstract: This article presents a reading of the narrative *Enterre seus mortos* (2018), by the contemporary Brazilian writer Ana Paula Maia, under the argument that, by deciding to bury the bodies of strangers at any cost so that they are not devoured by vultures, the character Edgar Wilson sets up an improbable act of compassion in an unnamed place where a precarious and almost animal life prevails. The characters, albeit in devious ways, cling to religion and Bible verses as the only glimpse of a possible life.

Keywords: Contemporary Brazilian literature. Evil. Biblical texts. Abandonment. Ethic.

REFERÊNCIAS

- ALEX, E. “Enterre seus mortos”: o paraíso da brutalidade. *A Escotilha*, 11 abr. 2018, seção Ponto e Vírgula. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-argula/enterre-seus-mortos-ana-paula-maia-companhia-das-letras-resenha/>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- AUMONT, J. *O olho interminável (cinema e pintura)*. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- BENATTI, A. R. A estética violenta das narrativas de Ana Paula Maia. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 30, n. 61, p. 399-416, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/42843>. Acesso em: 11 set. 2021.
- BETTENCOURT, E. “Deixa que os mortos enterrem seus mortos”. *Blog da Quadrante*, [s. d.]. Disponível em: <https://blog.quadrante.com.br/deixa-que-os-mortos-enterrem-os-seus-mortos/>. Acesso em: 11 set. 2021.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 50. ed. Revista por Frei João José Pereira de Castro, O. F. M., e pela equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Editora Ave Maria, 1985.
- BRUM, E. *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- FRIGHETTO, G. N. Literatura em tempo de barbárie: um estudo sobre romances brasileiros contemporâneos. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 37, n. 77, p. 47-63, 2019. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/806/577>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- GÁRBERO, M. F. Sujos, brutos, invisíveis: os trabalhadores de Ana Paula Maia. *Revista Cult*, 1º mar. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-trabalhadores-de-ana-paula-maia/>. Acesso em: 12 set. 2021.
- GONÇALVES, L. de J. *Que os mortos enterrem os seus mortos: a narrativa ficcional de Samuel Rawet*. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/1668/1/Luciano%20de%20Jesus%20Gon%20c3%a7alves.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

KARAM, H.; TRINDADE, A. K. *Ex fabula ius oritur*: Antígona e o direito que vem da literatura. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito*, v. 5, n. 2, p. 196-203, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/rechtd.2013.52.11>. Acesso em: 11 set. 2021.

MAIA, A. P. *Enterre seus mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MAIA, A. P. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*: duas novelas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARX, K. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução revista por Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974 [1852].

PORTO, A. P. T. Submundo e desumanização do sujeito em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia. *BRASIL/BRAZIL – Revista de Literatura Brasileira*, v. 29, n. 53, p. 51-63, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/69940>. Acesso em: 12 set. 2021.

VITIELLO, V. Deserto, éthos, abandono: contribuição para uma topologia do discurso religioso. In: DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (org.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.